

O SEDENTÁRIO

UMA IDEIA EM MOVIMENTO

Informativo da Educação Física — Salvador-BA. Ano 1/nº1 Set/94

Editorial

Arney era o presidente. Depois de quase três décadas, o povo organizado exigiu e iríamos votar. A crise de paradigmas já se instalara. Um marco: Educação Física cuida do corpo e ...mente! É neste contexto que surge o curso de Licenciatura em Educação Física da UFBA, tendo como unidade a Faculdade de Educação, no ano de 1988.

Algum tempo depois, um grupo de alunos resolve colocar suas inquietações no papel, criando um espaço contínuo de reflexão, este papel ganha um nome: **O SEDENTÁRIO — UMA IDEIA EM MOVIMENTO**. Como o próprio nome explicita, o objetivo do jornal é a busca do desequilíbrio, a construção do conhecimento tendo o corpo docente e discente irmanados de forma dialética não negando em nenhum momento, a experiência adquirida.

Será a Utopia um sonho impossível “Um convite à reflexão”

Passados dois anos após o nosso ingresso no Curso de Licenciatura em Educação Física, ainda não conseguimos entender a postura do seu corpo discente. Agimos como avestruz, nos comportamos como colegiais sem rumo ou direção.

Estamos dizendo tudo isso não no sentido de mexer com os brios de ninguém, muito pelo contrário. Achamos que chegou o momento de darmos um salto qualitativo. Muitos dos que aqui se encontram precisam ocupar seus espaços, não podemos permitir que alguns decidam por nós, vamos à luta! Nós entramos pela porta da frente!

Quando falamos em salto qualitativo é a isso que nos referimos. Temos espaço para falar, gritar, esbravejar... Entretanto, abrimos mão e não intervimos no processo como deveríamos, vide a última avaliação (18/03) — os seminários, as reuniões do D.A., etc. Quais são as nossas prioridades? Não estamos sendo, excessivamente, individualistas ao só nos preocuparmos com coisas que nos atingem diretamente?

Vejamos: quando faço natação fico extremamente preocupado com a falta de piscina, se for biologia, então o problema são os roteiros e assim sucessivamente.

Foram doze suadas edições! Todas na base da “xerox”, com esta edição damos um salto qualitativo, entramos na era da OFF SET e neste novo momento estamos editando textos que ao longo de nossa história refletiu e reflete a cara do jornal.

A Educação Física só ocupará seu lugar de direito quando percebermos que só, estamos sós e que “a luz no fim do túnel são os nossos olhos brilhando”, como diria o poeta Damário da Cruz, por isso pensamos coletivo. A história não é feita por heróis e sim pelo povo.

O jornal está pronto. É de vocês. As críticas e sugestões são esperadas e o seu texto, também! No mais é desejar que você continue participando deste que é também a sua história, porém como ator principal e não como coadjuvante, ou como diria Vandré: Quem sabe faz a hora, não espera acontecer!

Até a próxima edição!

Quando será que isso vai mudar? Quando?

Por onde quer que se vá, onde quer que estejamos o preconceito persiste, se somos medianamente inteligente logo nos indagamos: porque é que você faz Educação Física? Como se as pessoas que optassem pelo curso tivessem o nível cognitivo abaixo da média. Sabemos que isso não representa a verdade.

Então, o que devemos fazer? Vamos arregaçar as mangas e exigir da instituição mais respeito, mais seriedade... Seremos motivo de riso onde quer que estejamos ao falar da estrutura do curso, todavia, temos que fazer a nossa parte! Ou será que fizemos Educação Física por ser um curso pouco concorrido? Se a resposta for afirmativa, erramos. Que tal repensarmos esta atitude?

Será utopia desejar um curso de qualidade? Será utopia almejar que o corpo discente cresça no sentido de apreensão da realidade? Ou será que a função da universidade se limita à preparação de mão-de-obra (des)qualificada?

Se tudo isso for utopia, perguntamos: a utopia é um sonho impossível? Marx acredita que não.

Manoel dos S. Gomes
Acadêmico — 1991



Rita Hastenreiter
Em pé da esquerda para a direita: Isabelle Pires (Profª UFBA/SEC), Jefferson Almeida (Profª. Educação Física), Wellington Araújo (Profª Educação Física), Pedro (Profª UFBA/UCSal), Manoel Gomes (Acadêmico UFBA). Agachados: Luiz Rocha (Profª UFBA/SEC), Luiz Vitor (Profª Educação Física/SEC/Escola Lua Nova), Fernando Reis (mestrando em Educação e chefe do colegiado de Educação Física).

Porque você é diferente

Quem é você?

Afinal, quem é você?

O que você faz e qual o seu papel na escola?

Será somente fazer suar?

Correr?

Pular e não saber onde chegar?

O que é que acontece com você que homens e mulheres não podem estar juntos na mesma atividade?

Qual é a sua que seu horário é diferente das demais disciplinas e sua sala é separada da sala dos outros professores?

Digam-me por que os corpos ficam soltos no espaço físico, você fica solto no espaço histórico e não consegue se engajar na luta pela transformação deste seu jeito de ser?

Por que o que você consegue desenvolver na quadra como iniciativa, criatividade, companheirismo, solidariedade, força, destreza, agilidade, flexibilidade, resistência... não consegue sair dos limites da aula, para te dar a iniciativa de criar melhores condições de vida para si e para os seus companheiros que vivem sob a força de um regime castrador que te oprime e te reduz ao aspecto meramente biológico, tolhendo a sua agilidade e a sua habilidade em resistir para poder flexibilizar e transformar esta sociedade que te domina e faz com que perca a identidade e faça derramar suor em vão?

Acorda, vai a luta, tenta responder a tudo isto com uma ação que possa resgatar os seus valores, formando homens capazes de transformá-la e inseri-la no tempo e no espaço.

Prof. Antonio Luiz Ferreira Bahia
(FACED/UFBA)

A Educação Física precisa “pensar” para repensar a Educação Física

Quando se fala em Educação Física, a primeira coisa que vem à mente é o movimento mecânico, é o “malhar”, “suar”, perder uns quilinhos, entrar em forma, prevenir as doenças coronárias, etc. Infelizmente esse estereótipo que carregamos em função de um equívoco histórico, tem sido pedra no sapato de alguns professores de Educação Física que conseguem pensar um pouquinho além desses limites citados acima.

É importante que os profissionais dessa área, tenham conhecimento suficiente da história da Educação Física e clareza dos seus objetivos, para que possam estabelecer diferenças entre a Ed. Física e a atividade física. Para isso precisamos estudar, ler sobre educação, compreender o processo ensino-aprendizagem como um todo, se livrando de uma vez por todas dessa dicotomia teoria-prática, do dualismo axiológico “corpo e alma” difundido na Grécia antiga por Platão, para que a partir daí possamos repensar a Educação Física, estabelecer seus conteúdos e objetivos, tratando-a como “Ciência do Movimento Humano”, por reconhecer sua importância e seu valor pedagógico enquanto disciplina, que compõe a grade curricular em todos os níveis de ensino.

O papel fundamental das escolas de formação desses profissionais, é levar para dentro das suas paredes, uma discussão, que a meu ver é prioridade no processo de

avanço da ação pedagógica nas escolas de 1º, 2º e 3º graus, que é a garantia do espaço dessa disciplina dentro das escolas. Acabando com o tratamento diferenciado que sempre se deu e se dá (em algumas escolas), como por exemplo: Ed. Física em turno contrário, turmas masculinas e femininas separadas (inclusive na “prática desportiva” da UFBA), sala de professores de Ed. Física, sem falar na não participação desses professores nas reuniões pedagógicas, conselho de classe, etc... Todo esse distanciamento, essa falta de entrosamento da Ed. Física com outras disciplinas (interdisciplinaridade), com o corpo pedagógico da escola, consequentemente com as diferentes forças que contraditoriamente tecem o tecido social deste país, contribuem diretamente na lenti-

ção da organização da categoria, para uma melhor “performance” política. Cabe a nós, professores dos cursos de formação, juntamente com os alunos, desenvolver um trabalho, que busque compreender criticamente as diferentes concepções de educação, enfocando-as num contexto histórico-político, recorrendo sempre à dialética, sem perder de vista a luta mais ampla que é a transformação dessa sociedade, embrutecida e perversa, que ora nos condena a viver num submundo de concepções e misérias, como se fosse essa a nossa opção de vida.

Vamos à luta, pensando sempre!

Fernando Reis — Professor da FACED/UFBA.



Rita Hastenreiter
Fernando Reis, Manoel Gomes, Isabelle Pires, Wellington Araujo, Jefferson Almeida, Luiz Vitor, Luiz Rocha e Prof. Pedro.

EXPEDIENTE

O SEDENTÁRIO

UMA IDEIA EM MOVIMENTO

Endereço: Rua da Glória,
nº 25 casa 03 — Saúde
CEP: 40045-140

Salvador/Bahia

CONSELHO EDITORIAL

Helma Pio Mororó
Isabele Pires Santos
Jefferson Almeida Gonçalves
Luís Vitor Castro Júnior
Luiz Carlos Rocha
Manoel dos Santos Gomes
Wellington Araújo Silva

Arte Final — Fitolito
Impressão:
Gráfica Santa Helena

A Educação Física no momento presente

Com o fim da ditadura militar e até os dias de hoje, o que se pode observar ainda na Educação Física Escolar, é uma prática mista de métodos (francês, calistênico e desportivo generalizado).

Uma disciplina desvinculada do currículo escolar, tendo fim em si mesma. Atividades exaustivas, as quais não se sabe bem para que servem hoje.

O esporte é conduzido na escola com características olímpicas, onde os alunos são selecionados para essa ou aquela modalidade, com base unicamente na sua capacidade de rendimento físico ou no seu biotipo, deixando o esporte de cumprir os seus reais objetivos na escola, quais sejam: iniciar o educando na cultura corporal, fornecendo elementos para o desenvolvimento de uma educação integral.

Nos clubes observamos a prática desportiva numa busca constante de recordes e vitórias, que nem sempre retratam o cotidiano de pseudos atletas, e que poucos aparecem depois para contar os

resultados dessa prática, e poucos são os privilegiados, os heróis brasileiros.

Nas academias são adotados métodos importados como a Ginástica Aeróbica, Step, Musculação, etc., que muitas vezes são inadequados para a estrutura orgânica e sócio-econômica do nosso povo.

Mas por conta de um modismo desenfreado, e até mesmo por falta de informação e conscientização da sociedade e dos educadores, é que a Educação Física não consegue afirmar-se como área do conhecimento humano. Não consegue desenvolver nos indivíduos o autoconhecimento e também explorar suas potencialidades no exercício da inteligência, através do movimento. Um movimento crítico, consciente, criativo, prazeroso e não um movimento alienado, comprometido com a reprodução dos valores da classe dominante.

ORLANDO JOSÉ HAGE DE
SANTANA
Prof. da Disciplina EDC 215
Ginástica — UFBA

ENTREVISTA

Prof^o João Batista Freire entrevistado pela Prof^a Helma Mororó

P — Diante de todo esse quadro de crise em que a Educação Física está vivendo, principalmente sobre a provável não obrigatoriedade da Educação Física na escola, qual o ponto base, o ponto principal que o senhor acha que deve ser modificado para que isso não aconteça?

R — Eu não sei se é provável que ela não venha ser obrigatória, havia uma tendência forte disso, mas parece que já se está enxergando que a Educação Física tem alguns bons trabalhos, tem algumas boas propostas, então parece que perdeu um pouco de força essa idéia de tirar a Educação Física. A Educação Física está vivendo um momento interessante, ela está com umas boas produções e essas boas produções têm dado forças às pessoas que defendem, agem junto ao nosso planejamento da Educação, a LDB, a manutenção da Educação Física. A gente está vivendo um momento que está ficando muito nítido. De um lado a Educação Física avançada, progressista, uma Educação Física compromissada socialmente, uma Educação Física que tem cara de pedagogia e, em oposição, há uma Educação Física que tem cara de treinamento desportivo, tem cara de clube, uma Educação Física que se desvinculou dos demais objetivos pedagógicos de uma escola. Eu acho que vai prevalecer a Educação Física com cara de pedagogia, eu acho que essa geração de professores, esse grupo de professores chamados tecnicistas são professores que estão dando os últimos suspiros, essa Educação Física acho que vai terminar, a escola não tem mais lugar PARA SERVIR DE PALCO para interesse de pessoas que querem fazer da escola um centro de treinamento desportivo.

P — E o esporte dentro da escola, como é que fica?

R — E acho que a Educação Física ela pode acolher facilmente todas as manifestações culturais corporais, então são manifestações ricas como

esporte, como dança, o jogo, o folclore e a ginástica. Há espaço para tudo isso na escola, só que eles tem que ganhar cara de escola. A escola não pode mudar por causa deles, eles tem que mudar por causa da escola. O esporte na escola tem que ser um esporte a serviço de formação geral de um indivíduo que está na escola colhendo conhecimentos para utilizá-los socialmente nos ambientes onde ele vai viver. Não se aprende matemática para se ser um matemático assim como não se aprende Educação Física para se ser mais tarde um atleta necessariamente. Aprende-se tudo isso para ser qualquer uma coisa dessas, eu acho.

P — E o técnico? Aqui na Bahia não existe um curso de formação de técnico, só de professor de Educação Física. Seria um curso desvinculado. E o técnico não poderia ter um papel de educador também?

R — Todo técnico deveria ser antes um educador, depois um técnico, mas ele precisa ser um sujeito especializado, me parece que ele pode ser especializado nas Faculdades, não no curso de Licenciatura, mas ele já sai com conhecimento geral sobre esportes nos cursos de bacharelado e ele deve fazer, deve ter à disposição deles nas Faculdades os cursos especializados de extensão. Os próprios cursos de especialização, talvez cursos, como na minha Faculdade, por exemplo, nós temos cursos de especialização em treinamento desportivo, eu acho que a faculdade deve se encarregar dessa formação.

P — Quanto ao conteúdo de Educação Física. O senhor acha que ele deve ser elaborado pelos órgãos governamentais ou devem surgir da própria escola um trabalho conjunto de professores e coordenadores?

R — Eu acho que as direções, as secretarias, elas devem estabelecer como propostas, referenciais básicos, como os conteúdos mais gerais da Educação Física, tipo esporte, jogo, dança, ginástica, brincadeiras, isso ele pode recomendar que se oriente por aí, mas os conteúdos mais específicos podem ficar mais a cargo das

escolas. Eu acho que as secretarias poderiam, por exemplo, sugerir temas para cada série, um tema compatível com a 1^a série, um tema compatível com a 2^a série, depois de fazer um estudo sobre as características da criança, sobre a cultura da criança. Você poderia definir os temas, a secretaria poderia dar recomendações gerais sobre metodologia, maneira de ensinar uma criança e a secretaria poderia dar recomendações gerais sobre a avaliação.

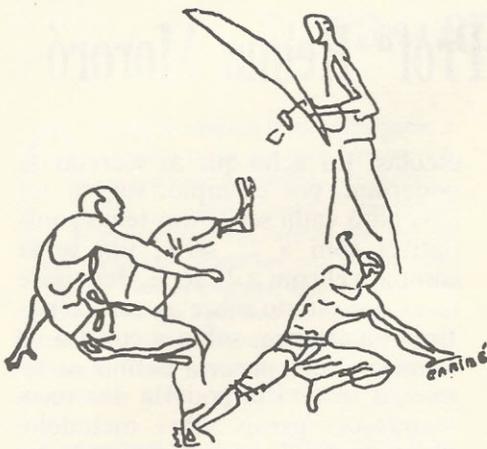
P — Nós conhecemos alguns trabalhos feitos pelo senhor, como o livro *Educação de corpo inteiro* lançado em 1991, *De corpo e alma* lançado em 1992 e também um texto no livro *Educação Física e Esporte: Perspectiva para o século XXI*. Fale um pouco sobre eles.

R — Às vezes eu escrevo um texto mais filosófico, às vezes um texto mais pedagógico. Pedagógico porque é a minha prática e filosófico porque são partes dos momentos que eu paro para pensar as minhas práticas, pensar a Educação Física, o corpo dentro da vida, dentro do mundo, da sociedade. Então eu tenho 04 textos publicados, 02 livros sozinho e 02 em autoria com outros autores. O 1^o texto foi "Rumo ao Universo do Corpo", que é um texto geral sobre a corporeidade; o segundo livro é "Educação de corpo inteiro", são discussões pedagógicas a respeito da prática da Educação Física, como eu acho que deve ser dada uma aula de Educação Física na pré-escola e no 1^o grau. O terceiro livro é de "Corpo e Alma", o resultado de uma tese de doutorado onde eu estudo as relações corpo-mente ou corpo-espírito, essa dualidade e as origens da dualidade e mostro investigações que eu fiz mostrando que essa dualidade não se justifica e meu 4^o texto nesse livro novo que saiu "Perspectiva para o Século XXI" que é uma discussão sobre o confinamento das crianças nas salas de aula, negando a condição de criança que elas têm.

Prof^o João Batista Freire
(Unicamp)

Prof^a Helma Pio Mororó
(UESB/BA)

Quem nunca viu e ouviu venha ver para aprender



Quem nunca ouviu falar em Mestre Bimba e Pastinha não ouviu falar em Capoeira.

A cada dia que passa aumenta o número de adeptos na Capoeira, mas são poucos aqueles que realmente conseguem perceber o verdadeiro valor da Capoeira situando-a historicamente e analisando suas inúmeras dimensões em uma perspectiva crítica.

Para o Mestre Bimba “não existe Capoeira sem ginga”, mas o que vem ocorrendo é totalmente diferente, pois o capoeirista está mais preocupado em dar saltos bonitos do que entrar em sintonia com o berimbau e com o ritmo da música, e o que vemos são alunos jogando com toque de Iúna (jogo de formado), aluno comprando jogo de Mestre, e outras atitudes que vão de encontro a todo ritual da Capoeira. Não quero com isto responsabilizar os alunos por essas atitudes, pois são frutos do que aprenderam ou não dos seus professores e mestres.

Segundo Pastinha “cada um é cada um, ninguém joga do meu jeito”, mas o que presenciamos são alguns professores e mestres impondo aos alunos o seu estilo de jogo, tolhindo o próprio movimento natural e seu poder criativo.

Por entender que a capoeira é o processo dialético corporal (corpo inteiro), não podemos limitar o movimento do aluno e sim propiciar cada vez mais o movimento em diferentes situações.

E quem nunca viu João Grande e João Pequeno venha ver para aprender

Doutores da Capoeira, reconhecidos nacional e internacionalmente, conseguem com muita autenticidade passar todo legado cultural da Capoeira.

Em entrevista, o Mestre João Pequeno dizia:

“A Capoeira, ela é uma natureza, ela, a gente nasce com ela no sangue e no espírito, e eu porque o meu sangue era, sabe, capoeira a história cultural, negra e essa cultura veio com negros que vieram da África e eu sou raça de africano”.

Certamente, mestre João Pequeno teve seu valor pela sua história de vida, sendo o fator social determinante em relação à herança genética na sua formação enquanto capoeirista, pois na mesma entrevista revelou como ocorreu o processo de iniciação na Capoeira.

Palavras são poucas para expressar o verdadeiro pensamento em relação à concepção de mundo e de homem. Para entender é preciso vê-lo tocando berimbau, fazendo caxixi, ensinando, jogando e falando de uma “Natureza” (Capoeira).

Mestre João Grande, pessoa maravilhosa, encanta quando toca seu pandeiro, canta suas ladainhas, toca seu berimbau e, quando joga capoeira, expressa seus sentimentos através dos movimentos corporais.

O nosso ouviu e viu não têm a intenção de formular receitas prontas e acabadas, vêm convidar todos vocês para um gingar reflexivo da capoeira.

LUÍS VITOR CASTRO JÚNIOR
Acadêmico do Curso de Lic.
Educação Física

RAPIDAS E RASTEIRAS

● O segundo módulo do Projeto Trocando Ideias ocorreu no dia 3 de setembro na Faculdade de Educação da UFBA, repetindo o sucesso da primeira etapa. O próximo módulo será no dia 8 de outubro no mesmo local. Informações: (071) 247-1822 — Colegiado E. Física.

● No período de 12 a 15 de setembro será realizada a III Semana de Educação Física da UFBA, organizada pelos estudantes e tendo como tema: Educação Física — movimento político e científico em busca da superação.

● Entre os dias 12 e 16 de setembro acontece a I Feira de Livros da Faculdade de Educação, uma promoção dos Diretórios Acadêmicos de Educ. Física, Licenciatura em Ciências e Pedagogia.

● De 18 a 23 de setembro realizar-se-á na Paraíba o XV Eneef — Encontro Nacional dos Estudantes de Educação Física. Tema

do encontro: 15 anos de reflexão: educação física como submissão ou libertação?

● Brevemente o Projeto Aula Livre voltará a acontecer... Fique ligado.

● No período da matrícula na UFBA foi realizada entre os estudantes de E. F. uma consulta prévia sobre os candidatos à Presidência da República. Resultados: Lula 72.22%, FHC 12.50%, Eneás 09.02%, Quércia 0.69%, Brizola 0.69%, Amin e Fortuna 0%, nulos 02.77%, brancos 02.08%. Total de votantes, 144.

● Dia 10 de setembro aconteceu no Centro de Esportes da UFBA o Torneio de Duplas de Voleibol entre professores, alunos e ex-alunos do curso.

● Finalmente, no dia 10 de setembro Gladys e Gilson casaram-se. Parabéns a esses dois colegas e ex-integrantes da direção da Exneef.

● Foi realizada de 02 a 04 de junho deste ano, a I Jornada Pedagógica do CBCE/Bahia, na oportunidade “O Sedentário” gravou uma entrevista exclusiva com o professor João Paulo S. Medina (Unicamp) que será mostrada na próxima edição, aguardem!

● Mais uma turma do Curso de Educação Física formou-se no dia 06 de setembro, são eles os professores(as), Wdson, Janilton, Lara, Josete, Mary Márcia, Alexandra (Cacá) e Rose. Felicidades a todos.

● Para divulgar o seu evento, mande-nos com antecedência as informações que forem necessárias para a nossa programação.

Um bicho?

E lá estava Enoque, no lixo, a catar comida com a mão, lembrando-me uma pequena e significativa poesia de Manuel Bandeira.

Enoque é um nome fictício. Poderia ser José, João, Ernesto, ou outro, mas a cena é real. Tristemente real. Ele, o Enoque, que se torna representante de milhões de brasileiros nesse momento, afunda todo o seu corpo dentro do túnel, à cata de resto de comida ou outra coisa qualquer que sirva para amenizar a sua fome. Quando os seus braços tornam-se curtos, não conseguindo mais revirar os alimentos, habilmente, qual cachorro vira-lata, vira o tonel e recomeça, sofregamente, a catar os “restos”, as “sobras” de comidas, tão alegremente levados à boca.

E lembro-me que no meu tempo de escola, aprendi que o Brasil é grande e altaneiro. Esqueceram de me falar sobre os Josés, Joãos, Ernestos e Enoques da vida.

Não dão divisas e não caem no vestibular.

Wellington A. Silva
(Membro do “O SEDENTÁRIO:
UMA IDEIA EM MOVIMENTO”)